Entre Deuses e Demônios

Sabrina Lemos Naud de Moura

Agosto de 2018

Cap. 1 - Conhecendo um deus



Fevereiro de 2001, algum lugar no Sul do Brasil.

Apesar de ser conhecido por suas baixas temperaturas e inverno rigoroso, o verão no Rio Grande do Sul é tão penoso quanto. O único alívio desta estação acontece à noite, se estiver ventando, houverem árvores. Melhor ainda se for perto de um rio, lago ou mar… Bom, em Moontoketh há quase tudo isso.

Em algum lugar no labirinto de Cânions de Itaimbezinho está a entrada para Moontoketh, o último povoado de… De… De seres um tanto quanto mitológicos que ninguém acredita que existem.

Para chegar neste lugar deve-se encontrar a passagem secreta localizada em uma das cavernas em meio aos paredões de pedra. Só a tarefa de localizar esta entrada já é um desafio e tanto, já que as pessoas têm mania de se perder lá. Caso achem a entrada, não é qualquer um que pode atravessar o portal: é preciso ter um pouco de magia. Essa energia não tem forma, cor ou espécie. Pode ser encontrada em médiuns, caçadores, bruxas, elementais, deuses ou até mesmo demônios. A definição de demônios, aqui, não é aquela que se encontra nas páginas de alguns livros sagrados, mas sim toda e qualquer criatura fantástica que não seja caçador, elemental ou deus. O que torna a classificação "demônios" um tanto quanto abrangente e nunca sinônimo de boa coisa.

Achou a entrada de Moontoketh? Possui um pouco de magia? Sabe as palavras mágicas?

Não, não é qualquer abracadabra que vai funcionar. As palavras necessárias pertencem a um idioma antigo, há muito banido do mundo. Por algum tempo o Homem propagou os conhecimentos antigos em suas crenças, porém, com o passar dos anos, este conhecimento foi perdido e o oculto se tornou exatamente o que significa: oculto.

Passado de geração em geração, dentro dos altos círculos dos deuses, somente os escolhidos possuíam acesso a Moontoketh. E para ser escolhido precisa ser muito, mas MUITO especial. E é exatamente alguém muito, mas muito especial que se encontra neste exato momento entoando um cântico antigo. Atrás de uma cachoeira, dentro de uma caverna, está um homem alto de pele clara, quase translúcida, cabelos castanhos ondulados e olhos da mesma cor, corpo atlético marcado por uma camiseta preta mais justa que o esperado. O homem que usava uma calça jeans rasgada, combinada com pulseiras e colar de couro, trata-se de Ares, o Deus da Guerra. Ao terminar de recitar o feitiço, onde antes haviam apenas pedras surge uma imensa sombra, que forma uma visão do nada. Como um caminho para lugar nenhum. Não precisou muito tempo para que, uma a uma, pequenas luzes incandescentes começassem a acender em ziguezague, marcando uma trilha quase retilínea através de um dos paredões do cânion.

As pequenas chamas azuis esverdeadas brilham dentro de esferas de cristais, colocadas nas pontas de troncos retorcidos ao longo do caminho. Apesar de tentar passar a impressão de naturalidade, claramente foram postas no local. Após alguns minutos de caminhada, ele já se encontra no Vale, na saída da caverna, e o caminho continua iluminado pelas bolas de cristais.

Ares já está farto de andar. Sente como se fizesse isso há horas, quando na verdade não se passou mais de 20 minutos. Paciência nunca foi uma de suas qualidades. Finalmente ele avistou uma ponte feita de pedras unidas por troncos que pareciam ter crescido ao redor delas, adornados com um tipo de trepadeira e flores luminosas, do tipo que não se encontram no "mundo humano". O rio abaixo corria quase silencioso, mas a beleza do lugar não aplacava a ansiedade crescente no deus. O caminho não parecia ter fim. Zeus... Por quê? P-O-R Q-U-Ê? Uma vila? É sério? Uma vila?? FINALMENTE!

O caminho de pedras agora se ramificava em diversas estradinhas e cada uma levava à porta de uma casa. As construções tinham os mais variados formatos, mas a arquitetura possuía uma clara inspiração antiga, beeeeeeeeeem antiga, como druidas, mesopotâmicos... Acho que deu pra entender. Elas aproveitavam a geografia do lugar e se desenvolviam em torno dos troncos, rochas e elevações, fazendo com que cada uma parecesse a casa da árvore dos sonhos de uma criança. Todas as paredes são tomadas por trepadeiras com flores rosas e roxas, que combinam com as janelas assimétricas de vidro azul e turquesa.

Ares tinha a sensação que uma aquilo era a cidade ideal desenhada por uma criança que gostava de acampar e de ler contos infantis. Tudo irritantemente bonito. Só faltavam as fadas brilhantes e os animais falantes cantando algo sobre amor como nas animações. Não havia qualquer barulho além do tradicional som de floresta, ou seja, insetos. "Ei!" "Alooooooouuuu?" "Ecooooo". Nada. Nenhuma viva alma. Seria bom que o que ele veio buscar valesse essa romaria.

Serpenteando as árvores milenares durante vários minutos de extremo tédio, a caminhada parecia não ter fim e, na boa, aquelas botas de montanhismo não tinham sido compradas para praticar o esporte de fato. Deuses não deveriam ser submetidos a isto. E depois de uns 10 minutos lá está ela, iluminada pelas plantas fluorescentes, uma longa e gigantesca escadaria. Porque a vida nunca pode piorar, né?

Em algum outro lugar em Moontoketh...

Uma imensa clareira destoava da mata fechada e paredões de pedra, principalmente por um motivo: todas as árvores que circundavam o lugar estavam queimadas. Em lados opostos da clareira estavam dois adolescentes muito parecidos, de pele morena, quase dourada, cabelos negros e longos que passavam a cintura, olhos castanhos amendoados e corpos delineados pela prática exaustiva de atividade física. Ambos com roupas que mais pareciam sacos de batatas imitando túnicas de elfos. Um único detalhe os diferenciava, suas *skaths[[1]](#footnote-1)*, as marcas de nascença pretas que diziam que eram demônios superiores. No ombro dela, três linhas tribais simétricas. Nas costelas dele, dois riscos.

— Vais ficar apenas a espera? — O garoto alto, com o corpo em posição de luta, encarava a menina do outro lado. Ela permanece silenciosa. Os dois têm uma diferença grande de altura, uns 30 centímetros pelo menos. Ela não se intimidou com a provocação, mesmo sendo bem mais baixa, e permanecia tão imóvel que nem parecia respirar. — Pois bem...

Ele correu reto na direção dela e quando chegou há poucos metros um relâmpago silencioso cortou o céu estrelado. A garota notou imediatamente e desviou do ataque do moreno, que tropeçou e rolou no chão. Os dois trocaram olhares sérios e preocupados, miraram na direção da entrada de Moontoketh e correram no sentido oposto mata adentro.

De volta à escadaria...

Ares xingava em alto e bom tom, todos os tipos de palavrões conhecidos pela língua portuguesa e outras coisas inelegíveis aos ouvidos, provavelmente grego antigo. Na realidade ele praguejava na esperança que aparecesse alguém e lhe dissesse: "Senhor, o elevador fica logo ali." Mas, obviamente, isto não aconteceria. Finalmente ele chegou ao topo daquele lugar. Sério, lutar em qualquer guerra dos deuses foi um esforço incomparavelmente menor do que essa jornada.

Lá de cima ele mal conseguia ver a cidade abaixo, apenas vislumbres das luzes da estrada em meio à copa das árvores. Um corredor sem paredes o levou até as enormes portas de madeira numa construção que se erguia unida a árvores e rochas milenares. O lugar parecia ter sido construído com mais cuidado e mais empenho que todo o restante da cidade. As paredes se alternavam entre linhas retas e arredondadas que originavam várias torres. Ele não sabia se estava em um templo ou um tipo de forte. As duas torres mais baixas são também as mais largas e partem direto da base da construção. Uma ampla sacada se estendia de um lado ao outro do edifício no segundo andar, com hastes finas de metal que eram intercaladas por colunas grossas, em um formato que lembrava o corpo de uma serpente. A torre mais alta centraliza-se neste andar, circundada pela escada em espiral. No terceiro andar mais duas torres se erguiam, quase tão altas como a central, porém mais finas. Nenhum dos andares contava com janelas, apenas imensas aberturas no formato de portas árabes, que se espalham sem qualquer simetria ou padrão aparente. Um lugar tão belo quanto bizarro.

Ele não conseguia enxergar absolutamente nada ao entrar, já que a luz da noite é muito pouca para poder distinguir qualquer coisa e precisava esperar os olhos se ajustarem. Em meio ao breu, um homem tão alto quanto ele, de pele pálida, cabelos loiros, olhos cinzentos e orelhas pontudas surgiu com uma minúscula vela. Ele fez uma reverência profunda e olhou Ares direto nos olhos.

— O mestre lhe aguarda, vossa alteza. Por gentileza, siga-me.

O deus ficou perplexo. Fazia muito tempo que alguém não o tratava com aquela deferência, porém a sensação não durou mais que um segundo.

— Pelo vossa alteza, podia ter ido me receber lá na entrada.

O elfo se desculpou e informou que guiaria Ares até o mestre, e repetia “vossa alteza” a cada cinco palavras. Bom, pelo menos soava muito bem.

Os dois andaram por um vasto corredor e lá estava mais uma delas, outra escada. "Por que Zeus me odeia tanto?" A frase virou um mantra que Ares repetia mentalmente a cada degrau. Não foram muitos passos, mas o suficiente para que o seu presente mau humor virasse péssimo. No segundo andar eles viraram para a direita e contornaram o prédio pela sacada que ele havia visto quando chegou. A cada janela a luz da Lua entrava e dava uma visão quase hipnotizadora do vale, mas nem mesmo toda aquela beleza aplacava a má vontade crescente no deus. Quando terminaram de atravessar a sacada, "CARALHO, SÓ PODE SER BRINCADEIRA COMIGO!". Ele deu um longo suspiro enquanto subia o que esperava ser o último lance de escadas da sua vida. Ao chegar, mais um longo suspiro, daqueles para todos ao redor ouvirem. Então Ares se deu conta que o homem que veio encontrar finalmente estava na sua frente.

O grande salão ocupava quase todo o terceiro andar. O deus se encontrava em uma ponta e na outra, sentado em uma espécie de trono, estava Balthazar, provavelmente o único ser vivo com mais idade que Zeus. Ele não olhou para Ares, tão pouco se levantou para recebê-lo ou reverenciá-lo. Os olhos fitavam a xícara fumegante em suas mãos, os cabelos brancos estavam mais longos do que da última vez que haviam se visto, mas não parecia ter envelhecido nem um único ano.

— Não vai nem me cumprimentar? — O homem não se moveu e Ares esboçou seu melhor sorriso afetado. — Achei que elfos fossem conhecidos por sua educação impecável...

— Falas como os humanos que convives, Ares.

— Eu me adapto, você claramente ainda vive no milênio passado — Balthazar tomou um gole do chá, o que devia significar que ele ainda não tinha virado uma múmia viva, só ainda o mesmo velho rabugento de sempre. — Podia me oferecer algo para beber depois de me fazer subir essas oito mil novecentas e quarenta e cinco escadas.

— Três.

— Três o quê?

— Três lances de escadas. Não oito mil novecentas e quarenta e cinco.

— Aff... Que seja, então. Quero saber deles, já deveriam estar aqui e prontos, não tenho tempo a perder. Vou ter que esperar até quando neste fim de mundo? — Ele tomou outro gole do chá, aquilo irritava Ares ainda mais. Viagem muito longa, caminhada, escadas e a maldita espera. O deus nunca fora conhecido por sua paciência, bem pelo contrário. — Balthazar! — Silêncio. Ares expirou profundamente. Mais um gole do chá. “PUTAQUEPARIU.”

— Estás tão preocupado apenas consigo mesmo que se mostrou incapaz de perceber o que ocorre à sua volta, Ares.

— Tá me tirando? — Ares estava no limite antes que seu temperamento explodisse.

O deus viu os olhos cinzentos daquele velho elfo pela primeira vez. Fitava-o de maneira desafiadora e sarcástica. E ele notou que sua cabeça não parava de ecoar duas palavras: "incapaz" e "perceber". Balthazar esboçou um sorriso, nunca havia visto o elfo fazer isso. Foi quando o ambiente começou a ficar quente, o que era bem estranho já que as janelas estavam abertas. A atmosfera se transformou, subitamente mais pesada, densa... Ares sentiu a pele arrepiar em resposta ao clima de ameaça e algo pontudo e frio na sua nuca.

— Um tanto quanto descuidado para um deus.

A voz masculina e jovem vinha do teto, mas Ares não enxergou ninguém. A pouca iluminação que entrava pelos janelões laterais não era suficiente.

— Você ensinou esses pivetes que deuses são imortais, né?

Um estranho brilho surgiu no teto, dois... Ares focou o máximo que pode e conseguiu distinguir um par de olhos cor de âmbar que o encarava. O objeto em sua nuca foi apertado com mais força por um breve momento e então retirado. O deus olhou por sobre o ombro e viu uma pequena morena. “É só isso? Sério mesmo?” Ele veio até aqui pra isso? Por essa, essa, essa coisinha?! A sensação de ameaça desapareceu e garota parecia se encolher, encarava o chão como se olhasse para o nada. Não podia ser aquela coisinha sem graça que espetou sua nuca, ela nem tinha uma arma em mãos. Como mágica, um garoto se materializou na sua frente, devia ter descido do teto enquanto ele olhava aquela menininha sem graça. Estranho porque Ares não ouviu qualquer som dos movimentos dele. Mas agora sim sua viagem começava a fazer sentido, o adolescente era quase da sua altura, musculoso, atlético, encarava-o de maneira maliciosa, até lembrava seu próprio filho.

Balthazar ordenou que os dois sentassem e imediatamente os adolescentes tomaram seus lugares à esquerda do salão. Ares ficou abismado com a obediência deles, pareciam dois cachorrinhos ouvindo os comandos do dono. O elfo começou a explicar para eles que seus dias em Moontoketh haviam acabado, precisavam retornar para a cidade e o deus era o encarregado de levá-los. Ares não gostou da conotação, soava como se fosse apenas um mensageiro. O garoto começou a protestar e a fazer perguntas, inconformado com o que acontecia. O deus respondeu de forma sarcástica e o adolescente retrucou na mesma moeda. Antes que a conversa se tornasse uma discussão entre os dois, Balthazar avisou que era uma decisão final.

O mestre relembrou que apenas estavam lá para serem treinados e que sabiam desde o início que um dia deveriam retornar. Apesar de Moontoketh ter sido seu lar durante mais de 12 anos, aquele não era o lugar deles e nunca seria. Enquanto o moreno estava perplexo e confuso, a menina permanecia silenciosa. Balthazar ordenou que ambos organizassem suas coisas, pois deveriam partir com Ares o quanto antes. Assim que terminou a frase a garota estava de pé e se dirigiu à saída, enquanto o irmão permanecia ajoelhado. O mestre perguntou se suas palavras não haviam sido claras e foi como se o garoto voltasse para a realidade. Ele concordou com um aceno de cabeça e seguiu a irmã.

— Parecem dois cachorrinhos.

— A obediência que tenho deles foi conquistada, não espere o mesmo.

— Veremos.

Com o dedo do meio, Ares se despediu de Balthazar e se dirigiu à saída do templo. Não demorou muito para o casal de adolescentes se juntar a ele. O mestre não estava lá, não houve um abraço caloroso ou qualquer aceno de mãos, não havia ninguém ali a não ser os três. O deus fez piada da situação e o garoto respondeu de maneira infantil. Terem crescido em um local tão retirado e apenas com a companhia de elfos não tornaria fácil a adaptação dos dois, seriam trucidados pelos colegas na escola e pelo filho do deus. Ainda mais quando falassem naquele português arcaico que mais parecia coisa de filme de época.

Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil.

— "É perigoso Samantha". "Não vai fazer nenhuma loucura". "Não se mata". Vou é enfiar uma estaca no rabo de vocês, bando de bundões. Amigos o caralho!

Em um bairro retirado da cidade, uma adolescente loira caminhava e conversava consigo mesma. A pele branca e os fios platinados se destacavam junto aos olhos azuis. A garota de traços frágeis parecia ter feito o máximo possível para aparentar o contrário, cabelo com dreads, piercings, tatuagens, roupa preta, correntes estilo punk e maquiagem escura. Eram tantos adereços que é quase impossível não ouvi-la. Afinal de contas, Novo Hamburgo não era conhecida apenas pela sua produção de calçados, mas também pela violência em todos os lugares, principalmente os bairros nas divisas da cidade. Talvez fosse a aura de violência que Samantha exalava, dava para sentir de longe que ela procurava sarna para se coçar. A adolescente conseguia sentir olhos cuidarem seu trajeto, mas ninguém viria a seu encontro. Ou a garota é problema ou é louca, nenhuma das duas opções é boa.

Caçar um vampiro não era uma ciência exata, pelo menos não para Samantha. Era uma questão de *feeling*, simplesmente sabia para onde ir, como se uma bússola interna guiasse cada passo. E neste momento ela seguia esse *feeling* para uma caçada solo. Sempre tentara isso outras vezes, mas o irmão de criação a impedia. Brian aparecia do nada para estragar suas grandes noites. Só que hoje não, hoje ela havia feito tudo direitinho, levou todos para uma festa e deixou-os lá bebendo enquanto fugia. Depois de se esgueirar por diversas vielas e andar mais de meia hora, lá estava Sam. E estava chegando perto, bem perto.

Um formigamento que se espalhava por todo o corpo até chegar a nuca, é assim que Samantha sabia que estava no lugar certo, na hora certa. Não precisou andar muito e achou o lugar ideal, um terreno baldio gigante, parte dele tomado por montanhas de entulhos e lixo, além de diversas árvores que criam sombras perfeitas para o tipo de encrenca que ela buscava.

Samantha não podia confiar nos seus olhos, já que a única iluminação é o céu estrelado. A audição de caçadora estava 100% atenta, o corpo em total estado de alerta. Ela sabia que havia alguém ali, algo. Por trás de uma das pilhas de entulhos um par de olhos seguia cada movimento da loira e aguardava o momento exato para atacar. Ela sabia. Conseguia sentir que era observada. Que merda! A sensação era enlouquecedora. Onde estava esse maldito? Por que não aparecia logo? Com medo? Era isso! Esse bostinha estava cagado de medo, ele sabia quem ela era e do que era capaz. O que quer que seja não vai sair do esconderijo até que tivesse algum tipo de vantagem e a adolescente não iria lhe fazer essa gentileza. Foi quando ela ouviu um barulho logo à frente. A loira agachou-se, assim podia ficar abaixo da linha dos entulhos e arbustos da sua volta, e acelerou o passo em direção do som. A sua pele completamente arrepiada era sinal de problemas. Logo que avançou alguns metros, localizou a origem do barulho: um grande e gordo gato laranja rajado.

— Então era você! Que susto de merda que você me deu, sua coisa gorda e fofa. Eu podia...

Algo a agarrou pela cintura com muita força e jogou-a no chão. Assim que caiu, sentiu uma dor lacerante no pescoço. Algo a mordia, mastigava sua pele, seus músculos, queria seu sangue. Juntou todas as suas forças e conseguiu pegar a pequena faca que carregava para cravar na cabeça da criatura. A coisa a largou por um breve momento, tempo o suficiente para a loira conseguir levantar e colocou-se em posição de luta. Aquilo parecia um homem, mas não era um vampiro, uma experiência que deu errado. Os braços eram mais compridos que o normal, com garras afiadas ao invés de unhas, a pele tão branca que podia se enxergar as veias e olhos cinzentos sem vida. Não havia qualquer resquício de humanidade, não falava nada, sequer parecia pensar. Ele encarava e rosnava, agachado, preparando o próximo ataque. O monstro cheirou o ar: havia sangue e vinha dela. Outra rosnada.

“Se prepara Sam. É agora”. As palavras soaram tão falsas quanto sua coragem, que agora tinha sumido e dado espaço para o pavor. A adolescente tentou se convencer, mas no íntimo já sabia o que iria acontecer. O monstro se jogou como uma bola de demolição. Ela segurou as garras enquanto ele mordia o ar desesperadamente e tentava alcançar seu pescoço. A baba caía em seu pescoço, os dentes batiam e rangiam, o que tornava aquilo ainda mais assustador. Ele conseguiu desvencilhar uma das mãos e Samantha teve que usar a sua para empurrar a criatura. A loira reuniu todas as suas forças e conseguiu afastar a cabeça dele um pouco e a besta decidiu se alimentar ali mesmo, da barriga dela. Sam sentiu os dentes cravarem em sua carne e foi como se todo o seu corpo levasse um choque, uma dor aguda que começava a se espalhar rapidamente. O formigamento chegou nas mãos e não conseguia mais conter aquela fera, então ela soltou.

Os segundos pareceram horas e aquele monstro ia sugar todo o sangue de seu corpo, ela já sentia a morte segurando-a, pronta para levá-la. O corpo estava enfraquecido, não conseguia mais ouvir nem enxergar direito, a visão ficou turva e pontos pretos começaram a aparecer.

— Sam.

Já estava tão fraca que alucinava com a voz dos amigos chamando seu nome, um som baixo, no fundo da sua mente.

— SAAAAM!

A morte estava tão perto que gritava seu nome com a voz de Brian. De repente sentiu seu corpo leve, como se um peso tivesse sido tirado dela. E antes de fechar os olhos, achou ter visto Brian gritar para ela não dormir.

Foram mais de três horas de viagem com rádio alto. Ares respondia às perguntas constantes de Carlos entre uma ou outra provocação infantil, apenas para se divertir. O garoto parecia uma criança perguntando sobre as coisas e se irritava com cada piada malvada do deus. Em Moontoketh eles tinham contato quase nulo com o mundo exterior, apenas jornais e revistas que a mãe enviava ocasionalmente. Toda a falta de tecnologia era sanada com conhecimentos antigos sobre a natureza, engenharias mirabolantes e magia. Os elfos diziam que a tecnologia distraia a mente do propósito pessoal e tirava as pessoas do caminho verdadeiro. Logo, tudo o que os irmãos sabiam sobre a vida humana era baseado nos livros e revistas que leram. "Como isso?" "Por que aquilo?" "Mas e isto?"

Yukira leu a placa: "Divisa entre os municípios de Novo Hamburgo e São Leopoldo". Chegaram à cidade de sua mãe, ou pelo menos de onde todas as cartas vinham endereçadas. Depois de mais alguns minutos Ares parou o Jipe no topo de um morro. Um muro alto coberto por cerca viva e diversas árvores impediam que vissem a casa.

— Lar doce lar.

O deus pegou um molho de chaves que guardava na calça, cada qual com uma cor diferente, e entregou a Carlos. Enquanto os dois testavam uma a uma, Ares entrou no carro e saiu cantando pneu.

Pelo lado de fora já podia se notar que a casa era na realidade uma pequena mansão e ocupava duas vezes o espaço das residências vizinhas. Quando entraram, perceberam que o caminho que levava até uma pequena área coberta era bem largo, uma garagem, como nas revistas de arquitetura. As pedras que formavam o calçamento eram muito parecidas com as de Moontoketh. A luz da rua não conseguia penetrar as copas das árvores no pátio, tornando quase impossível para os dois enxergarem. Imediatamente os olhos de ambos se tornaram amarelo âmbar e brilhavam no escuro como os de um gato, o que permitia que pudessem enxergar no escuro.

Após caminhar alguns metros, chegaram a uma porta dupla de madeira, que se assemelhava as do povoado que vieram. Havia um papel colado nela: "Abra-me com a chave dourada". Logo que entraram viram uma seta pintada no chão em cor neon apontando para frente. Atravessaram o cômodo tentando olhar onde estavam. Ao chegarem do outro lado, outra porta com uma carta colada nela:

"Queridos Carlos e Yukira.

Vocês não imaginam o quanto estou feliz de finalmente saber que vieram para casa e como estou triste de não poder estar aí para recebê-los. Estou morrendo de saudades. Infelizmente tive que viajar a alguns dias e não chegarei a tempo, então nesta carta seguem algumas instruções para vocês encontrarem seus quartos, o banheiro e a cozinha. Todas as paredes da casa têm interruptores, caixas cinzas com botões amarelos, apertem eles e as luzes ligarão. Se utilizarem a chave azul conseguirão abrir esta porta..." - eles começaram a seguir as instruções - " ela os levará a um corredor, sigam ele até chegarem na sala. Se olharem para o lado esquerdo, verão uma escada de madeira, sigam nela até o terceiro andar e vão até o corredor. A segunda porta da direita é o seu quarto, minha filha, da esquerda é o seu, meu filho. Assim que entrarem, encontrarão as luzes ligadas. Cada um de vocês tem seu próprio banheiro e uma sacada. Recomendo aproveitarem a vista e tomarem um banho, as instruções estão ao lado da pia. Amo vocês, logo nos veremos. Mamãe."

Cada um dos dois entrou no seu quarto. Yukira encontrou um cômodo imenso, uma cama gigantesca, onde cabiam umas quatro de si mesma, além de diversas outras coisas que não fazia ideia do que eram ou para que serviam. Ao lado da cama, uma imensa porta de vidro com uma vista belíssima para cidade. A direita, uma porta com uma placa: banheiro. Ela entrou no cômodo, que era metade do seu quarto e ainda assim era gigantesco. As paredes e lajes brancas contrastavam com os móveis de granito negro, duplicados pelo espelho que ocupava toda uma lateral e terminava no imenso box de vidro. Foi bem simples ligar o chuveiro e aproveitar o banho, tão diferente das cachoeiras de Moontoketh. A água era constante, morna, mas cheirava estranho, tinha um gosto estranho. Ainda assim, a sensação de privacidade era incrível. Enquanto isto ela ouvia os gritos do irmão.

— ESTA É A SENSAÇÃO MAIS EXTRAORDINÁRIA DO MUNDO!

Carlos demorou mais no banho, tempo o suficiente para ela andar pela casa, repleta de peças renascentistas, quadros inspirados no modernismo brasileiro, móveis arrojados e tapetes de pelego. Haviam diversas coisas que Yukira não fazia a menor ideia do que eram, fios que cruzavam os cômodos e muitos, muitos botões nos mais diversos objetos.

O mestiço saiu do banho com uma toalha enrolada na cintura e diversos comentários de como estava gostando dessa experiência, afinal, foi o melhor banho de sua vida. A irmã estava na sacada do quarto e admirava a bela vista.

— Como será?

— A que te referes?

— Nossa vida a começar de hoje.

Carlos deu de ombros. Em uma noite suas vidas haviam virado de ponta cabeça. Ele evitava pensar nisso, como as coisas seriam daqui para frente. Se ela não tinha a resposta, ele certamente que não saberia.

O silêncio era a melhor coisa que poderia fazer por eles nesse momento, pois dizer que tudo ficaria bem não seria a verdade e mentir para Yukira era algo inconcebível. Ele preferiu apenas sentar na sacada do quarto junto dela.

1. Palavra no idioma dos demônios que simboliza sua marca de nascença, nunca traduzida para nenhum outro idioma. [↑](#footnote-ref-1)